

KAL FOSTER
e o Mestre das Sombras

Autor

André Almeida Gonçalves (André Fantin)

Kal Foster

e o Mestre das Sombras

1ª Edição

Edição do autor

Capa

Fernando Laranja

Copyright © 2013 por André Almeida Gonçalves

Todos os direitos reservados.

Vitória, 2013

Aos que aguardaram
por esta obra com
a mesma ansiedade
que eu estava para libertá-la
do seu cativeiro digital.

ÍNDICE

Boa Noite Ministro – 9

A Casa Foster – 18

Uma Jantar a Sete – 32

A Mulher, a Cidade e o Conselho – 51

Perigo na Noite dos Dummorkis – 70

O Circo dos Horrores - 87

A Caixa de Pandora – 106

O Vale Cratera – 123

Cidade dos Elfos Sitiada – 139

Zon-t Mileguins – 156

Morre um Filho - 172

O Mestre dos Artefatos – 188

O Necromante – 202

Proteja a Mente – 221

Trapaças – 237

Em Sono Profundo – 247

A Morte Anunciada – 265

O Desafio de Ralph – 281

História, Dúvidas e Poções –	297
À Sombra das Salvações Nacionais –	310
Thalis em Segredo –	330
Pela Força de Donnovan –	346
A Ajudinha de Daimon –	361
Entre Paredes –	380
A Nova Loja de Bernardo –	398
O Salão da Glória –	408
Legado –	422
O Dummorki de Sara –	431
Os Rebelados –	446
A Dívida de Rick –	461
O Maior Sucesso de Dorian –	477
A Noite de Marissa –	491
O Mestre das Sombras –	503
O Dia em que Ele Não Morreu –	516
Os Passos do Bem e do Mal –	534

BOA NOITE MINISTRO

Para Mardo Runifer, o ministro da Defesa e Segurança Mágica, aquele dia fora o mais cansativo do mês de janeiro. Após as comemorações de natal e ano novo, todo o país parecera explodir em conflitos. Incidentes mágicos aconteciam por toda parte e o governo teve que dobrar o número de funcionários para inspecionar as cidades mágicas que a cada novo dia preocupavam-se menos em manter-se em segredo. Há mais de mil anos bruxos e não mágicos deixaram de viver juntos, os bruxos refugiaram-se em suas florestas, erguendo pequenas cidades protegidas por encantos de forma que nenhum humano não mágico pudesse descobrir sua existência.

Após a nova fuga de Kricolas, semanas antes, na Cidade dos Elfos, e o sepultamento de Adonis Foster, bruxos de todo o Brasil passaram a migrar para os países vizinhos em busca de proteção e apoio. Um número cada vez maior de pessoas anunciava ter visto carruagens voadoras e pessoas montadas em vassouras atravessando cidades inteiras. O Ministério do Segredo Mágico, responsável por manter secreta a existência de criaturas mágicas no Brasil, tentou contornar a situação enviando bruxos disfarçados de ufólogos. Eles se infiltravam na população destas cidades e espalhavam boatos sobre disco voadores e alienígenas. Em pouco tempo a situação foi controlada e as pessoas se convenceram de que não estavam vendo nada de mais, as carruagens voadoras na verdade eram “apenas aviões de teste”, pois era mais simples aceitar essa idéia que a de seres de outro mundo.

Com os humanos sob controle, o Governo, através do Ministério da Defesa e Segurança Mágica, alegou que ninguém corria riscos de permanecer no país e que não havia motivos para que as pessoas abandonassem suas casas. A fim de aliviar ainda mais as tensões, Mardo Runifer anunciou pelo jornal Folha Mágica, o maior tablóide mágico do país, que dois terços da Guarda Armada de Warren, soldados da maior penitenciária para bruxos e criaturas mágicas do país, estava fazendo rondas periódicas em busca de Kricolas e seus aliados, Elvira Lugunster e sua filha Tâmisia, que no ano anterior haviam contribuído para que o meio-vampiro roubasse o Livro de Merlin, o maior livro de magia do mundo e que fora escrito pelo próprio mago Merlin há quase mil anos.

Agora, o ministro Mardo chegava ao seu escritório exausto e louco para sentar-se em sua larga poltrona de espumas. A sede do Governo Mágico estava localizada entre os estados do nordeste do Brasil, onde nenhum humano seria capaz de chegar sem recorrer à magia. Escondido pela vegetação agreste e pela terra seca nordestina, o prédio de dois andares e de formato circular abrigava todas as repartições públicas e abrigava algumas salas particulares que eram alugadas para alguns empresários.

Mardo esfumagara no corredor do segundo andar onde ficava sua sala, as luzes estavam apagadas, mesmo já sendo noite, e aparentemente todo o prédio estava vazio. Esfumaçar é a maneira mais prática de se deslocar de um lugar a outro para os bruxos, um tipo de teletransporte. Mardo arrastou sua pasta de couro embaixo do braço suado por causa do paletó marrom que trajava. A cabeça redonda e quase toda afetada pela calvície, suava a ponto de respingar no tapete vermelho estendido. Os últimos dias não haviam sido gentis com o ministro. “Muita pressão. Muita pressão”. Repetia ele.

Quando já se aproximava de seu destino viu que uma das salas no final do corredor à esquerda estava iluminada e decidiu ir até lá para espiar. Raramente alguém ficava no prédio depois das oito, mesmo em situações tão críticas. A única vez que isto acontecera fora há poucas semanas, no primeiro dia de trabalho do jovem Bernardo Mecflex, ou Escritor da Terra, como também era chamado.

– Quem diabos está naquela sala? – indagou-se Mardo quase enfurecido.

Não havia sons vindo de parte alguma e o corredor estava escuro quase que por completo, sua única fonte de luz era a da misteriosa sala.

– Algum funcionário irresponsável deve ter esquecido a lâmpada acesa. Estes incompetentes que me mandam. – bufou furioso – Nunca chegarão a lugar algum na vida, que desperdício de oxigênio, essa gente.

Em certo ponto a luz da sala se apagou e então Mardo soube que alguém estava ali ainda. Só não tinha idéia de quem poderia ser. Tateou no escuro enquanto procurava por sua varinha no bolso do paletó para iluminar o lugar. Sentiu-a entre os dedos, mas no momento em que ia sacar a varinha, deixou-a cair no chão. Bufando, abaixou-se para apanhá-la, assim que ergueu o gordo corpo para cima ele esbarrou em algum outro corpo fazendo-o desabar no chão num só baque.

Demonstrando uma agilidade tremenda, o ministro empunhou a varinha para frente, pronto para disparar o primeiro feitiço.

– Escap...

– Sou eu, ministro! – disse a pessoa que esbarrou em Mardo – Bolhasradiant!

Uma imagem quase espectral se conjurou na frente do ministro da Defe-

sa e Segurança Mágica sob a fraca luz que incidia a sua frente.

– Dorian? – disse Mardo ajudando o outro a se erguer – Que raios de coisa está fazendo aqui uma hora desta?

– Ah, me desculpe, senhor. Estava terminando de ler os relatórios do Bernardo. Ele tem feito alguns progressos com os experimentos. O relatório diz que ele está próximo de um resultado satisfatório. – respondeu o bruxo que agora se mostrava mais visível.

– Não podia deixar isto para amanhã? – indagou.

– Estamos passando por um período de crise, senhor. Seria prudente terminarmos logo este serviço em especial. Acalmaria os ânimos das pessoas.

– Não estamos em um período de crise, Dorian, por mil chifres de unicórnios! Lembre-se disto, se quisermos que as pessoas acreditem que o país ainda é um lugar seguro para se viver devemos começar nos convencendo de que o é. Entendeu?

– Sim, senhor. – respondeu prontamente.

– Agora vá para casa. Descanse, pois amanhã será outro longo dia de trabalho.

– Tudo bem então, senhor. Tenha uma boa noite de sono.

– Se eu for dormir, você quer dizer. Sinto saudades quando meu maior problema eram duendes rebeldes e bruxos gatunos...

– Não se preocupe tanto, senhor, vivemos em um país seguro, lembra-se?

– Este é o espírito, Dorian, este é o espírito... até mais.

Dorian Gulemarc seguiu corredor afora carregando seus pouco mais de sessenta quilos e aparência esquelética, os cabelos totalmente desalinhados e um rosto exausto, onde as olheiras praticamente escondiam os olhos castanhos e o nariz parecia dobrar de tamanho a cada dia ganhando todo o espaço de onde deveria haver uma boca, que raramente se fechava.

Mardo retornou para seu caminho, ainda mais louco para sentar-se em sua poltrona de espumas, ficara ansioso por isto o dia inteiro. A mesa de sua secretária estava vazia, se não apenas por um copo de café. Todos os dias, antes de ir embora, ela preparava um pouco da bebida e depositava em sua mesa para que o ministro tivesse o que beber em sua ausência.

– Obrigado mais uma vez, Tiffany. – agradeceu Mardo apanhando o copo após perceber que ele fora devidamente enfeitado para não esfriar.

O ministro despejou sua bolsa de couro na mesa largou o corpo em sua poltrona de espuma soltando um largo “ah” de satisfação. Bebericou seu café e começou a ler os bilhetes em sua mesa.

– Reunião com o presidente no sábado... ler relatórios de Bernardo Me-
cflex... enviar tropa de apoio aos guardas no sul do país... e ora ora. – disse

o ministro parando de supetão e inclinando-se para frente – Um recado de Cacius! O que este velho caduco quer comigo?

Cacius, o diretor da maior escola de magia do Brasil, Avalon, de longe era um velho caduco. Ostentava o reconhecimento de maior autoridade em magia da América do Sul, acumulava prêmios de Honra ao Mérito reconhecidos internacionalmente e era um dos bruxos mais influentes no meio mágico, nos dias atuais. Raramente ele entrava em contato com pessoas senão de seu corpo docente, Cacius tinha a incrível habilidade de resolver seus próprios problemas sozinho. Coisa que muita gente não conseguia mais. Era isto que intrigava Mardo Runifer, o porquê do recado. Nele, Cacius solicitava que o ministro comparecesse ao seu escritório em Avalon para uma reunião imediata. O diretor não ocupava um cargo público, desinteressou-se pelo assunto após a primeira decepção, sua única prioridade era o bem estar dos humanos, bruxos, ou não, e demais criaturas mágicas.

– Quanta petulância! Eu sou o ministro e ele exige que eu vá vê-lo! – resmungou Mardo – Que se dane este velhote! Tenho muito mais com o que me preocupar. Na certa ele quer me mostrar aquele quadro esquisito em sua sala, francamente...

O quadro a que o ministro se referia era uma pintura a óleo de Merlin sob a sombra de uma macieira. Cacius dizia que aquele quadro era uma espécie de termômetro de perigo e que nos últimos dias tem alertado que o mundo está à beira de um colapso. Cacius insistia que o fato de Merlin estar olhando para os lados a todo o momento tem íntima relação com a liberdade de Kricolas e o fato dele ter adquirido o Livro de Merlin.

Em sua última conversa com o diretor da escola, Mardo havia deixado claro que não permitiria que Cacius se pronunciasse diante a população sobre o assunto. Relutante, Cacius foi obrigado a concordar, pois caso contrário teria sua escola fechada. E esta era a última coisa que ele queria.

– Estou te avisando, Mardo. É um grande engano. E você será o primeiro a pagar pelos seus erros... me escute, por favor – insistia o diretor – Não pode esconder a verdade destas pessoas. Não tem o direito... elas precisam saber a dimensão do perigo.

Segundos depois, sem nem mesmo dizer uma única palavra, Mardo saíra do escritório de Cacius.

Voltando ao presente, ele refutou o bilhete jogando-o em uma lixeira e passou a analisar os demais. Após uma breve olhada, segurou seu copo de café quente mais uma vez e reclinou na poltrona balançando-se de um lado ao outro.

Ele girava a poltrona até sua estante de livros, que acumulava volumes de diversos assuntos, ele rodava novamente e tinha uma visão privilegiada de

toda a sua sala, com piso de madeira e tapete marrom, paredes também de madeira quase que completamente tapado por estantes, montes de caixas e papéis, sua mesa não era uma das mais arrumadas, havia vários relatórios por cima dela, penas, tinteiros, agenda e folhas de pergaminho em branco com o selo do governo. No teto pendia um lustre de vidro com uma das lâmpadas queimadas, era difícil mantê-las funcionando com tanta magia circulando pelo lugar.

Do lado oposto a sua estante estava uma janela que ia do chão ao teto, as cortinas estavam abertas e a fraca luz da lua iluminava o ambiente. Mardo continuou com sua brincadeira na poltrona por longos minutos até quase cair no sono. Lembrou-se de outros incidentes mágicos que haviam ocorrido nos últimos dias no mundo dos humanos, a maioria deles envolvia a aparição de uma estranha criatura grande, forte, enrugada e com par de asas de morcego. Kricolas.

O meio-vampiro estava de fato dando uma tremenda dor de cabeça ao ministro e todo o seu pessoal. Ele aparecia e desaparecia dos lugares como um fantasma. Nunca deixava pistas e jamais cometia erros. Suas ações eram sempre precisas e no tempo certo.

Há três dias ele aparecera no sudeste do país e atacara três homens que saíam de um bar. Com essas três vítimas o vampiro contabilizava vinte mortes desde Adonis Foster. Os corpos foram encontrados por uma senhora de meia idade na manhã seguinte. Ambos estavam com mordidas no pescoço. Na cidade o caso foi registrado pela polícia e apelidado de “O vampiro suga álcool”, devido ao estado de embriagues dos homens.

Stack.

Mardo levantou assustado com o que ouvira. O estalo pareceu ser dentro de sua própria sala. Parou por um instante. Analisou e apurou os ouvidos, mas não ouviu mais nada. Decidiu então perguntar.

– Dorian? É você? Já disse que pode ir para casa, homem. Vá descansar!

A voz ecoou pela sala, mas não houve resposta. Mardo decidiu que aquilo era apenas sua imaginação. Estou cansado. É só isso. Apenas cansaço.

Ele tocou o pé no chão para dar um impulso à cadeira para que pudesse voltar a se balançar de um lado para o outro novamente.

Girou o corpo para a estante. Depois para a janela. Estante. Janela. Estante... e quando pela quarta ou quinta vez que se virava para a janela sentiu cada pelo de seu corpo eriçar ao ver a fantasmagórica sombra formada a sua frente. O coração de Mardo quase saltou pela boca ao ver aquela figura horrenda dentro de sua própria sala.

– Feliz em me ver? – indagou Kricolas.

– O... o... que... fa...

– O que faço aqui? É isto que quer perguntar, seu gordo medroso? – Mardo continuava estático e Kricolas sorria mostrando seus dentes amarelados e desalinhados – Eu pensei em deixar hora marcada, mas achei que sua secretária não encontraria lugar na agenda para mim.

– O que... o que... o que você fez com ela seu maldito! – grunhiu Mardo tomando coragem.

– O que fiz com ela é passado, meu amigo. Deveria estar mais preocupado com o que vou fazer a você.

– Oras seu!

– Quanta valentia. Quem diria que por trás de tanta banha existe um espírito valente. – debochou Kricolas.

– Estou melhor do que você.

– Quero ver daqui a mil anos. – falou Kricolas irônico – É uma pena que não vá chegar nem aos cem.

– O que você quer de mim?

– Que sua equipe pare de me atrapalhar. Francamente! Eles estão por toda parte!

– Oras cale-se!

Kricolas avançou em direção de Mardo, agilmente, e dobrou seus dedos sobre a garganta do ministro dizendo:

– Não me dê ordens!

Mardo segurou o braço que Kricolas usava para sufocá-lo e então sentindo a respiração falhar balançou a cabeça assentindo que entendera bem o recado.

– Muito bom. Melhor que começemos a nos entender cedo. – disse Kricolas soltando-o – Diga-me, onde está a família Foster!

– Não sei do que está falando. – desvencilhou Mardo.

– Não brinque comigo! Eu sei que o seu maldito governo tirou os Foster de Vila da Cachoeira!

– Realmente não sei do que você está falando...

– Mardo, seu inútil! Minha paciência está estourando. Quer me dizer onde-estão-os-malditos-Foster?

– E para quê? Já não arruinou o suficiente aquela família? Você já matou Adonis Foster! O que ainda quer? Matar três crianças e uma mulher? – indagou o ministro cheio de coragem.

– Bela atitude. Digna de elogios. Já que estamos nos entendendo tão bem, vou lhe contar o meu interesse neles.

– Vá para o inferno!

– Não me dê ordens! – berrou Kricolas mais alto do que um humano normal poderia gritar, uma voz gutural e cheia de ódio paralisou cada célula do ministro – Eu visitei o inferno em Warren, e não pretendo voltar para lá.

– Em pouco tempo você vai desejar estar lá.

– Por favor, ministro, tenha senso do ridículo. Em pouco tempo mestre Donovan estará de volta! E eu governarei ao lado dele. Talvez eu use esta mesma sala quando estivermos no poder.

Mardo se contorcia na poltrona espiando por cima da mesa até a porta, torcendo para que ela se abrisse e que pelo menos dez guardas de Warren entrassem disparando feitiços para todos os lados e prendessem Kricolas definitivamente.

– Não seremos incomodados por guardas hoje ministro. – falou Kricolas como se tivesse lido a mente de Mardo – Certifiquei-me de que o prédio está vazio.

– Você sempre pensa em tudo, não é?

– Modestamente? Sim. – riu-se sardonicamente – Fazemos de tudo para sobreviver neste mundo, ministro.

– Cretino.

– Elogios não pouparão sua vida.

– E então? Qual o plano com os Foster? – perguntou Mardo para distrair Kricolas enquanto ele alcançava sua varinha no bolso do paletó.

– Achei que não estivesse interessado. – respondeu Kricolas dando as costas para o ministro.

– Ora, se vou morrer. Quero morrer sabendo alguma coisa.

– Isto foi quase filosófico.

– Vai me dizer?

Mardo ergueu a varinha com dificuldade, suas mãos tremiam e suavam muito. No momento em que preparava para dar o golpe certo em Kricolas, este virou-se mais rápido do que uma bala e fez com que a varinha de Mardo saltasse de sua mão e ficasse grudada no teto.

– Pensou que poderia me enganar?

– Parecia uma boa saída.

– Gosto do seu humor. – falou Kricolas após uma breve risada.

– Esta é a parte que você me convence a passar para o seu lado e ajudar você no seu plano maluco de ressurreição de Donovan?

– Isto nunca foi uma opção, ministro.

– Bem, você recrutou a criada de seu pai e a filha e pelo que soube tentou persuadir o jovem Kalevi Foster a te seguir.

– Anda muito bem informado para alguém do governo.

– Por que o interesse em Kalevi?
– Kal para os íntimos.
– Você matou o pai dele!
– É minha maneira de começar uma amizade.
– Você é repugnante.
– Obrigado. – piscou – Muito bem então. Já que pretendo matá-lo, não há mal você saber o que planejo.

– Sou todo ouvidos. – confortou-se Mardo, ainda imaginando, esperançosamente, que mil guardas fossem entrar ali a qualquer minuto.

– O pequeno Foster tem o Enid de mestre Donovan. E pretendo fazer com que este Enid domine todo o corpo e a mente de Kal.

Enid é a parte mágica de um bruxo, um tipo de alma que se recebe ao nascer. Crianças bruxas não choram ao nascer porque recebem um Enid. No entanto, há treze anos, quando Kal Foster nasceu, ele chorou feito um bebê humano qualquer e somente seis anos depois ele misteriosamente recebeu seu Enid. Naquele momento ninguém imaginou como aquilo poderia ser possível, mas no ano anterior, Kricolas contara ao próprio Kal como ele adquirira o Enid de Donovan.

– Você é um porco imundo mesmo, Kricolas!

– Obrigado. Obrigado. Não é todos os dias que encontramos pessoas tão agradáveis como você.

– Você não passa de um covarde! Precisa do seu grande mestre para fazer com que as pessoas te obedeçam, não é? Você não é tão bom assim.

– Não se trata de covardia! – Kricolas bateu firme sua mão direita na mesa, o suficientemente forte para parti-la em alguns pedaços – E sim de lealdade!

– Quase mil anos já se passaram Kricolas... não há como trazê-lo de volta. Kal Foster não se renderá ao Enid de Donovan.

– Eu sempre penso em tudo. Lembra-se?

– O que quer dizer?

– Se o pequeno Foster não quiser cooperar terei que fazer da maneira mais difícil.

– Retirar o Enid dele?

– C'est la vie. Kricolas dá, Kricolas tira.

– Você sabe bem que para fazer isto ele precisa estar...

– Morto. Isto mesmo. Vejo que não faltou a nenhuma aula na escola, ministro.

– Não vai ser tão fácil arrancar a vida de um aluno de Caciús, ainda mais sendo ele um Foster.

– Oras cale-se. Cacius não é problema para me preocupar. Já tirei o Livro de Merlin dele. O que pode fazer?

– Não duvide daquele velho.

– Quem te vê falando deste jeito pensaria que você é muito fiel a ele.

– Se cheguei aonde cheguei foi porque Cacius me apoiou.

– E parece que você não soube retribuir muito bem tantos favores.

Mardo calou-se ao olhar na lixeira o bilhete amassado.

– Termine logo com isto. Vamos!

– Disse para não me dar ordens. – falou Kricolas agarrando Mardo pela garganta mais uma vez – Será o seu fim!

Mardo examinou sua sala por um último segundo sabendo que aquela seria sua última visão. Ele passara tantos anos entre aquelas quatro paredes que aquele lugar havia se tornado seu segundo lar, sua maior fortaleza. Ele não era casado, tão pouco tinha filhos, e às vezes ele passava semanas ali. Seja lá para onde estivesse indo, sentiria saudade da sala número 219 da sede do Governo Mágico.

– Alguma última palavra? – indagou Kricolas.

Fazendo um esforço enorme, Mardo cuspiu no rosto do vampiro e disse:

– Vida longa a Kal Foster!

– Veremos. Boa noite ministro.

Como nunca antes, Mardo gritou, era pura dor e agonia, para sua sorte aquilo não durara mais do que cinco segundos. A sala foi impregnada por um forte odor de carne e sangue e Kricolas parecia sentir-se imensamente satisfeito.

– Você foi um tolo em não me contar a localização dos Foster. Bem, há outras pessoas com quem posso me informar. Os Scheiffer, por exemplo...

Enquanto olhava pela última vez o que fizera a Mardo, Kricolas ouviu passos vagarosos vindos do corredor do lado de fora da sala. Ele espiou por entre a porta e viu um vulto se aproximando cada vez mais rápido. Imediatamente, Kricolas se pôs em posição de ataque e assim que o vulto ficou a um metro da entrada da sala, ele abriu a porta e agarrou-o pelo pescoço.

– Não, por favor! – disse o homem – Estive procurando o senhor.

– Todos estão!

– Tenho um interesse em especial, senhor, meu nome é Dorian.

– Me dê um bom motivo para não fazer o mesmo que fiz com Mardo.

Dorian Gulemarc olhou horrorizado para o que deveria ser o corpo do Ministro da Defesa e Segurança Mágica, então voltou-se até o meio vampiro a sua frente e disse:

– Eu sei onde estão os Foster.

– CAPÍTULO II –

A CASA FOSTER

Araçá era um pequeno bairro residencial de Anomati, uma cidade no interior do sul do Brasil. No interior do bairro, a Rua Guaçuí se estendia de uma pequena praça com brinquedos até um sobrado que tinha em seu quintal uma lagoa de águas esverdeadas. As casas tinham formas e tamanhos variados, algumas com apenas o andar térreo e outras que chegavam até o terceiro andar. Todos os dias de manhã, os moradores da levantavam-se bem cedo, abriam suas portas e janelas, colocavam seus carros modernos para fora, levantando uma massa cinzenta de fumaça que empestava toda a rua. Depois de feito este ritual diário, eles enfurnavam-se em ternos ou vestidos longos, enfiavam-se nos carros e saíam para o trabalho no centro da cidade.

Em quase todas as casas esta era a rotina. Mas não na casa número vinte e dois.

Os moradores da Rua Guaçuí ainda tentavam se acostumar com o estilo de vida dos novos vizinhos. As três crianças raramente saíam do quintal da casa que era cercado com um muro alto e bem gradeado. A mãe delas não trocava palavras com os vizinhos, eles nem ao menos sabiam exatamente o seu nome e porque haviam se mudado para aquele bairro tão isolado.

No dia da mudança, alguns deles se ofereceram para ajudar a carregar umas caixas pesadas, já que seria impossível três crianças e uma mulher levanta-las sozinhas, mesmo assim, relutante, a mulher agradeceu e dispensou toda a ajuda.

– Mal educada. – disseram eles.

Após um dia inteiro de entra e sai de caixas, a nova família trancou a porta da frente e fechou as cortinas dos dois andares da casa, que não era tão grande, mas suficiente para abrigar as quatro pessoas. O jardim havia sido decorado com pequenos anões, que segundo souberam os vizinhos, haviam sido um presente de uma amiga da região do Amazonas, e algumas margaridas e tulipas que estranhamente os moradores da casa queixavam-se porque elas não estavam se movendo. Sem dúvida alguma era a família mais esquisita que já residira em Araçá.

Talvez, a única casa que pudesse se igualar aos vizinhos do número vinte e dois fosse a da velha senhora que residia no número dezessete. Enquanto

todos os moradores de Rua Guaçuí expunham-se em público para conversar, a senhora de cabelos brancos e de pele flácida, fazia de sua casa sua grande fortaleza anti-social.

No segundo dia da mudança, os Almeida, moradores do número vinte e um, levaram um bolo de boas vindas aos novos vizinhos, um menino de cabelos e olhos castanhos colocou o rosto para fora do portão, estendeu um dos braços para receber o presente, agradeceu rapidamente e em seguida trancou o portão sem nem mais uma palavra.

– Que gente esquisita. – disseram.

No terceiro fim de semana desde a chegada da família ao bairro, eles receberam sua primeira visita. Um velho senhor de olhos bem azuis, com a cabeça quase careca, porém com algumas tranças desalinhadas que lhe batiam abaixo dos ombros e uma barba quase tão longa que seria possível amarrá-la ao cinto que segurava sua calça marrom lama.

– Bom dia. – cumprimentava ele aos moradores que lhe encaravam curiosos.

Certamente se poderia haver tipo mais esquisito de pessoa que os moradores do número vinte e dois, com toda certeza seria este estranho senhor.

– Bom... bom dia... – responderam alguns somente por educação.

O velhote seguiu rua acima até chegar ao portão, então chamou pela dona da casa.

– Sra. Foster!

Como se estivesse esperando pela visita, a mulher, imediatamente, colocou o rosto na janela e disse:

– Oh, bom dia Prof. Caciús. Queira entrar, por favor.

A trava elétrica do portão estalou e este imediatamente se abriu para receber o visitante. O homem sorriu e deu bom dia para os anões de jardins enquanto caminhava em direção à pequena varanda de entrada. No meio do caminho, Caciús foi surpreendido por um gato de pelo laranja e estranhamente o homem respondeu.

– Bom dia, Fred.

Os moradores olharam-se curiosos e então sacudiram a cabeça e foram para seus lares certos de que já haviam visto de tudo.

Alexia Almeida pegou sua vassoura de piaçava e saiu sacudindo até a porta de entrada de sua casa para espantar os pombos que se alimentavam de migalhas de pão caídas pela calçada.

– Malditas aves! Malditas aves! – resmungou.

– Esta rua está parecendo um zoológico! – resmungou junto seu marido.

Era verdade. Após a mudança da família Foster, a Rua Guaçuí recebeu

um considerável contingente de animais que passaram a perturbar toda a vizinhança. Eram pombos em todas as calçadas, cachorros latindo e uivando, gatos que andavam pelos telhados à noite e ratos que percorriam todas as casas, atravessando cozinhas e salas a qualquer hora do dia como se nada os incomodasse.

Os únicos simpatizantes da família Foster eram, ironicamente, seus vizinhos mais distantes, os Chiabai. O casal Mara e Alexandre e sua filha de treze anos, Sara, haviam indicado aos Foster onde era a sua nova casa assim que chegaram ao bairro. Naquele mesmo dia, Amanda havia feito um convite para que, num sábado, eles fossem almoçar em sua recém inaugurada casa. Passaram-se dois finais de semana e os Chiabai ainda não tinham se apresentado para o tal almoço, mas, ao que parecia, os próprios Foster também haviam esquecido, ou não se importado.

Ao término do primeiro mês, os vizinhos começaram a reclamar que as lâmpadas dos postes não duravam mais do que uma noite sem queimarem. E a companhia de luz passou a ter que trocá-las quase que diariamente. Certa vez, um vigia foi contratado para descobrir quem estava queimando as lâmpadas, ele passou a noite inteira perambulando pela rua para apanhar o vândalo, mas ao invés disto, surpreendeu-se ao ver que a casa dos Foster parecia abrigar uma boate. Luzes coloridas piscavam por todos os cômodos da casa e barulhos estranhos como chicotadas e tambores ruíam pelo jardim. O vigia estava estático olhando aquela cena, pensou em tocar a campainha e perguntar se estava tudo bem por lá.

No momento em que se decidiu por fazer isso, as luzes da rua começaram a piscar freneticamente atraindo a atenção do homem que deixou os braços caírem sobre as pernas e a boca abriu-se quase que automaticamente. Foi um piscar incessante até que finalmente todas as luzes se apagaram de uma só vez, deixando a Rua Guaçuí completamente mergulhada em sombras.

Na manhã seguinte, mais uma vez, a companhia de luz e energia veio fazer a troca das lâmpadas, no momento em que o velho homem de tranças atravessava a rua, a pé, para visitar mais uma vez a família Foster.

– Bom dia, senhor. – cumprimentou Alexia Almeida que já se acostumara com a figura do visitante.

– Bom dia, senhora. – disse gentilmente – Sabe me dizer se a sra. Foster está em casa hoje?

– Com certeza sim. – respondeu a mulher – Ninguém sai daquela casa, senhor.

– Eles sofreram muito nestes últimos meses...

- Como assim? – perguntou a mulher debruçando-se sobre o seu muro.
- Outra hora, talvez. – falou ele sorrindo.
- Tenha um bom dia.
- Igualmente.

Cacius atravessou a rua em direção ao número vinte dois que, para sua surpresa, encontrou o portão destrancado.

– Estou entrando. – anunciou – Bom dia! – disse para os anões, como era de costume fazer.

– Oh, estávamos esperando pelo senhor, Prof. Cacius. – disse Amanda, que surgira em uma das janelas da frente – Fiz uns bolinhos.

– Fico grato. E os meninos? Como estão?

– Superando, eu diria. Kalevi sentiu mais com a perda, mas acho que ele consegue.

– Tenho certeza. Tenho certeza. Você tem filhos muito corajosos.

Amanda permitiu-se um pequeno sorriso de orgulho, mas ainda assim não parecia muito contente.

– Professor, o que está acontecendo no mundo... no mundo...

– No mundo mágico? – completou Cacius olhando em volta – Acho que ninguém pode nos ouvir aí dentro.

– Certo. – concordou ela acompanhando o professor até a entrada da casa através da pequena varanda – Mas o que está havendo lá? Os guardas sumiram. Não há mais pombos, gatos, cachorros ou ratos. Ninguém está vigiando a rua. Estou com medo.

– Não há com o que se preocupar. – falou Cacius já fora do alcance de ouvidos curiosos – Bem, eu posso oferecer proteção em quanto eles não voltam.

– Mas por que eles foram embora então? O Governo desistiu de nos proteger?

– Não exatamente sra. Foster...

– Mamãe quem est...

– Olá, Kal. Há quanto tempo. – saudou Cacius.

– Olá, professor. – cumprimentou secamente – Desculpe, agora tenho que ir.

O garoto saiu pela porta da frente correndo em direção à rua, sua mãe em seus calcanhares.

– Não vá longe, Kalevi Foster!

– Deixe-o. Tenho certeza de que estará seguro...

Esta foi a última frase de Cacius que Kal pôde ouvir. O garoto vazou pelo portão de entrada e desceu a rua em direção à praça, sem destino exato.

A companhia de luz ainda estava fazendo o serviço de troca das lâmpadas e alguns moradores estavam acompanhando o trabalho dos operários e conversando.

Kal passou por eles sem ao menos notá-los, mas eles repararam bem o menino. Era a primeira vez que um dos Foster colocava os pés fora de casa, e este parecia estar afoito para fazer isto, porque correu loucamente como se tivesse ganhado a liberdade de uma prisão. Kal Foster estava com um jeans desbotado e uma camisa de manga cumprida um pouco mais larga do que deveria ser. Aparentemente sua mãe havia se distraído na compra e escolhera uma um número maior.

– Você ouviu a sua mãe! Não vá muito longe! – disse Alexia quase que correndo atrás dele como uma dama de companhia que fora largada para trás.

– Não use a varinha, não use a varinha... – falou entre os dentes de modo que ninguém pudesse ouvi-lo.

Kal não estava se acostumando muito bem ao novo estilo de vida que lhe fora imposto. Não usar a varinha durante o dia, não poder brincar de duelo com Daimon e Guinevere, enfim, não fazer nada para chamar a atenção dos outros moradores. Nestas horas, Kal sentia saudades dos resmungos e implicâncias dos moradores de Vila da Cachoeira, pelo menos, lá, ele poderia agir de maneira natural.

Em Avalon, a escola de magia que Kal estudara no ano anterior, ele havia aprendido diversos feitiços, os quais planejava colocar em prática assim que retornasse para casa. Mas isto agora parecia impraticável. Sua nova casa estava cercada de guardas de Warren muito bem disfarçados de animais e sua mãe não abria uma brecha para diversão. Mas naquela manhã, Kal Foster havia planejado tudo muito bem. Assim que ouvisse Cacius chegar em sua casa para conversar com Amanda, ele passaria pelos dois em disparada e sairia, finalmente, do número vinte e dois.

A praça no final da rua não tinha muito mais que alguns canteiros de flores, algumas gramíneas e um pequeno playground com escorregador e balanço. O lugar estava deserto àquela hora do dia, ao que parecia, não havia muitas crianças na Rua Guaçuí e os adultos que não estavam trabalhando estavam observando o *interessante* trocar de lâmpadas.

Kal aproximou-se de um dos balanços e sentou-se. Ficou a olhar para a praça à procura de algo móvel com que pudesse se distrair, mas não encontrou nem mesmo uma formiga. Mas para sua surpresa ele ouviu atrás de si uma voz feminina e aveludada que desconcertou seus pensamentos.

– Olá.

Kal virou-se para examinar quem seria e contemplou aquele rosto de pele clara e cabelos bem enegrecidos e alisados, lábios rosados, nariz fino e olhos verde vivo. Ele sentiu que conhecia a garota, mas em sua mente ela o lembrava uma garota por quem se apaixonara em Avalon, Emanuela Gol-demberg, no entanto Emanuela era loira e tinha os olhos bem azuis.

– Olá... – respondeu ele timidamente.

– Posso me sentar? – perguntou ela segurando um balanço ao lado de Kal.

– Claro.

– O que está fazendo aqui?

Ele olhou para as pessoas da companhia de luz, deu uma pequena risada e voltou à garota.

– Não acho um passatempo divertido assistir a troca de lâmpadas. – comentou.

A garota deu sorrisinho e então disse.

– Qual o seu nome?

– Kalevi Foster. – a garota eriçou as sobrancelhas, talvez assustada com a espontaneidade que ele demonstrara ao dizer o nome por completo – E o seu? – perguntou tentando se redimir.

– Sara. Sara Chiabai, já que você gosta assim.

Agora era a vez de Kal levantar às sobrancelhas incomodado com alguma coisa.

– Vocês nos mostraram nossa casa assim que chegamos na rua, não foi?

– Exatamente. Mas só não entendemos como não sabiam onde era a própria casa. Quero dizer... as pessoas olham as casas antes de comprá-las, não é?

– É que... é que... foi uma herança.

– Ah... e vocês moravam onde?

– Morávamos no Centro-Oeste do país.

– Goiás, Mato Grosso...?

– Pode ser... – disse Kal sem saber na verdade qual era o estado em que morava. Os bruxos não ligavam muito para a geografia dos humanos não mágicos.

Sara permaneceu curiosa, mas decidiu não perguntar mais nada sobre a antiga casa de Kal.

– Você mora aqui há muito tempo? – perguntou.

– Sim. Meus pais trabalham no centro da cidade e eu estudo no colégio do bairro. A propósito, você vai se matricular aonde?

– Hã... é...

- Ainda não decidiram?
- Acho que vou permanecer na minha antiga escola.
- Na Região Centro-Oeste?
- Não. Ela fica no Amazonas. No meio da... – Kal ponderou sobre o que ia dizer, estava se expondo demais, por um triz ele não dissera que sua escola ficava no meio da Floresta Amazônica, sobre uma nuvem, acima de uma cidade cheia de elfos, fadas e outras criaturas mágicas – No meio da capital.
- Oh sim... – disse ela achando que Kal tinha algum tipo de problema – Você tem irmãos não tem?
- Sim. Na verdade apenas o Daimon é meu irmão. Guinevere mora com a gente desde que os pais dela morreram, já faz um bom tempo isto.
- Vocês não gostam muito de se expor, não é?
- Aconteceram muitas coisas...
- Que coisas?
- Coisas difíceis de explicar... perdas, na verdade.
- Desculpe. – falou ela percebendo que estava entrando em um assunto delicado.
- Ainda estamos superando...
- Sara permaneceu em silêncio, seu estoque de perguntas pareceu ter acabado após descobrir que os Foster estavam passando por um problema familiar um pouco mais grave do que as pessoas da rua comentavam.
- Coisas estranhas têm acontecido, não é? – disse ele.
- Defina estranho.
- Lâmpadas queimando, animais por toda à parte... a rua é sempre tão animada? – fingiu.
- Na verdade. – falou ela, pausadamente – Essas coisas começaram a acontecer depois que vocês se mudaram.
- Sério? – perguntou ele quase que convencido de que não sabia de nada a respeito.
- É o que as pessoas comentam.
- Incluindo você e seus pais?
- Não. Não nos intrometemos na vida das pessoas. Mas existem algumas pessoas por aqui que gostam de se preocupar com os outros. Bom dia, dona Alexia! – cumprimentou a mulher que disfarçadamente varria a calçada da esquina da rua – A frente já foi varrida hoje senhora!
- O que ela está fazendo ali? Aquela não é a sua casa? – perguntou Kal.
- Exatamente. Dona Alexia tem o péssimo hábito de ouvir a conversa alheia.
- Acho que entendo. – falou ele.

Neste momento Kal observou que Cacius saía de sua casa e começava a caminhar pela rua. Ele não sabia ao certo como o diretor chegava à Anomati.

Talvez ele esfumace em um beco ou banheiro público. Pensou.

Kal observou Cacius descer a rua, pensou que talvez o professor iria até ele assim que passasse pela praça e imediatamente Kal planejou continuar a conversa com Sara para que pudesse disfarçar e fingir que não o notara. Kal Foster não estava com raiva ou rancor de Cacius. Os dois deram-se muito bem no ano anterior, na verdade. Cacius agira mais como um bom amigo do que como um professor, em Avalon, ele aconselhou e apoiou o garoto em situações difíceis e após a morte de seu pai, Adonis Foster, Cacius contara a Kal alguns segredos sobre Kricolas e o Livro de Merlin. Tornara-o seu confidente. Mesmo assim ele ainda sentia-se magoado porque Cacius aparecera minutos depois de Kricolas ter matado Adonis. Ele imaginava que se o professor tivesse aparecido mais cedo, talvez, os Foster ainda estivessem juntos em Vila da Cachoeira e não tivessem que se esconder tanto das forças malignas do meio-vampiro.

– Desculpe-me por eu estar fazendo outra pergunta, não quero que pense que sou como a Alexia. Mas quem é aquele senhor que vai até a sua casa todos os fins de semana?

– Um amigo da família. – respondeu Kal sorrindo.

– Ele parece ser uma boa pessoa. Parece ser um senhor calmo.

– Às vezes até demais. – falou Kal lembrando-se do ar sereno que Cacius mantinha em todas as ocasiões, por mais sérias e desesperadoras que sejam.

– Olhe, ele está conversando com os moradores.

Kal olhou para Cacius de imediato. Sara estava correta. O bruxo mais respeitado do Brasil, e provavelmente o melhor, estava parado diante um poste de luz a observar o serviço dos operários, como faziam os demais ao redor. Kal percebeu que se quisesse evitar Cacius aquela era a melhor hora de voltar para casa. Passaria despercebido pelo professor, que aparentava estar muito distraído e interessado pela curiosa técnica de se trocar lâmpadas de poste.

– Desculpe, Sara. – falou Kal olhando fixamente para a garota – Tenho que ir para casa.

– Tudo bem. – respondeu satisfeita – Vejo você depois?

– Ah... ah claro. – falou ele embaralhado – Você e seus pais ainda nos devem uma visita.

– Apareceremos em breve. – falou ela sem muita confiança no que dizia.

– Por que não vão jantar lá hoje? – sugeriu Kal sem nem ao menos pensar. Ele só percebera o que disse depois de as palavras já terem escapulado de sua língua.

– Sua mãe sabe deste convite? – perguntou ela.

– Oh, claro. Claro que sim. Na verdade eu vim justamente fazer o convite a vocês, mas vi que não tinha ninguém em casa e resolvi esperar aqui. – mentiu. Percebendo estar ficando bom em fazer isto.

– Tudo bem então. Vou dizer aos meus pais assim que eles chegarem do almoço.

– Se quiser... Pode levar alguém que seja especial para você também... – falou ele investigando.

– Oh, acho que... acho que não tenho ninguém em especial...

– Ok. Vejo você mais tarde então. É... então é isso. Até mais.

Kal virou o rosto antes mesmo que começasse a ficar vermelho, tinha certeza de que ela o acharia um idiota se isto acontecesse. Ele quis correr, mas também achou que os garotos não correm quando se despedem de uma garota. Ainda mais uma garota por quem se está desenvolvendo uma amizade.

Amizade, decididamente é isto. Disse Kal mentalmente.

Ele seguiu caminho com passos apertados, em certos momentos achou que iria tropeçar, mas, finalmente, conseguiu sair da praça e passar por Caciús, que estava tão entretido com o processo de troca das lâmpadas que nem ao menos o notou, ou pelo menos fingiu não ter notado.

Em casa, Amanda estava na cozinha sendo ajudada por Guinevere a fazer o almoço, uma das duas, Kal não distinguiu qual – a voz delas eram muito parecidas –, queixou-se de que não usar magia atrasava muito o serviço. Daimon estava na sala tentando ligar a televisão, que por vezes dera problema, assim como todos os eletrodomésticos da casa. Em sua primeira visita aos Foster, Caciús dissera que eles sofreriam com um problema chamado de radioestesia, que era causado quando há muita magia em determinado ambiente, tudo que utiliza energia elétrica sofre forte interferência mágica e entra em curto circuito. Este era o motivo real para as lâmpadas dos postes estarem queimando todas as noites. A magia irradiada pela casa deles gerava uma forte interferência nos postes que piscavam até que finalmente queimassem. Caciús explicou os eletrodomésticos funcionavam como copos de água cheios até a borda. E que utilizar magia perto destes objetos seria o equivalente a colocar mais água no copo. Quando ele transborda significa que o aparelho entrou em curto.

A nova casa dos Foster não era nem um pouco parecida com a mansão em que estavam acostumados a morar, onde Kal nasceu, literalmente dizendo, e onde passou sua turbulenta infância. Ao entrar na sala pela varanda da frente, chegava-se à sala, virando para a esquerda estavam a cozinha e copa,

de onde Amanda e Guinevere estavam, e atravessando a sala passando ao lado da escada para o segundo andar estava um confortável banheiro. No segundo andar havia três quartos e um corredor. A casa era pintada de branca e o piso de alvenaria da mesma cor, que Amanda fazia questão de manter sempre limpo, mesmo que nunca ninguém o sujasse, ela insistia em limpá-lo, talvez para passar o tempo.

– Mamãe, temos visita para o jantar. – disse Kal enquanto subia as escadas para o segundo andar.

– Como assim? – perguntou ela vindo com um pano de prato enxugando as mãos.

Kal olhou para os lados, Daimon levantara-se do sofá e parou para fixar o olhar em Kal, assim como Guinevere fez em seguida.

– Os Chiabai, lembra?

– Kalevi, você deveria ter me consultado primeiro. Não sei se podemos recebê-los agora...

– Eu acho uma ótima idéia. – disse Cacius que acabara de abrir a porta.

– Professor... o senhor tem... certeza?

– Sim, por que não sra. Foster?

– Não sei, talvez não seja prudente... acho que não nos acostumamos muito bem com a situação...

– Pois eu acho que vocês já estão bem acostumados. – opinou.

– As lâmpadas da casa vivem piscando por causa da radioestesia, se ainda fosse de dia... não sei se vai ser uma boa idéia...

– Não se preocupe. Vamos dar um ótimo jantar.

– Obrigada, professor.

– O senhor está se convidando? – perguntou Kal indiscretamente.

– Kalevi Foster, não seja indelicado.

– Não faz mal Amanda. Não faz mal. Nós realmente não explicamos aos garotos a situação.

– Certo, professor. Meninos, venham até a cozinha aqui comigo.

– Amanda, se me permite, poderia eu mesmo dizer isto ao Kal?

Ela deu de ombros e então seguiu para a cozinha com Daimon e Guinevere. Cacius acompanhou com o olhar os três até que finalmente haviam desaparecido de sua vista, então se voltou a Kal.

– É algo difícil de se resumir. É muito mais significativo do que podemos imaginar.

– Desculpe, mas eu vou subir.

– Eu lhe acompanho. – insistiu o professor.

Kal terminou de subir os degraus até o segundo andar e seguiu caminho

pelo pequeno corredor até o seu quarto, no fundo estava curioso para saber o que Cacius queria dizer-lhe. Sentia vontade de abraçá-lo e chorar a morte de seu pai, contudo ainda assim queria culpá-lo por tudo aquilo estar acontecendo. Queria dizer que ele deveria ter detido Kricolas assim que chegou na Cidade dos Elfos disfarçado de Nicolas Weny, que deveria ter protegido melhor o Livro de Merlin, que deveria ter encontrado a Página Perdida antes de Kricolas e que deveria ter feito tantas outras coisas para impedir que Adonis morresse.

– Não adianta me culpar, Kal. – falou Cacius e Kal percebeu que o professor estava lendo seus pensamentos, porque os grandes bruxos têm habilidades para fazer isto.

– É costume seu espiar o que as pessoas estão pensando? – perguntou ele deitando em sua cama e passou a jogar uma bolinha de tênis para cima.

– Não preciso ler seus pensamentos para saber que você está me condenando aí dentro. – retrucou o professor com sutileza – Eu gostava tanto de Adonis quanto você, Kal.

– Mas não sente tanto a falta dele como eu. – disse, parando de brincar com a bola e olhando para o professor com um olhar cortante e gélido, cheio de rancor.

– Você ainda tem sua mãe, seu irmão, seus amigos. Várias pessoas já passaram pelo que você está passando agora. E todas elas cometeram o mesmo erro que você está cometendo. Culpar alguém inocente.

Kal sentou-se em sua cama e ele olhou para fora, viu o reflexo do lago em toda a sua serenidade. Se existisse algo mais calmo, com certeza este era Cacius.

– As pessoas que sofrem perdas graves procuram uma válvula de escape para que possam drenar todo o seu rancor. E acho que infelizmente eu sou a sua válvula.

Kal desviava do olhar do professor fingindo estar intrigado com algo em cima do guarda roupas de quatro portas a sua frente.

– Isto não vai adiantar. – insistiu o professor.

O garoto mantinha-se concentrado na difícil tarefa de ignorá-lo. Cacius não era o tipo de pessoa que abria a boca a todo instante e quando fazia isto, merecia toda a atenção possível.

– Me culpar não trará seu pai de volta, Kal.

– E o que trará? – perguntou ele virando-se para frente da cama de Daimon onde o professor estava parado, de pé.

– Não há como... sinto muito...

– Sempre há uma maneira.

– Bem que eu queria, Kal. Não só por Adonis. Esta semana Kricolas matou outro amigo.

Kal olhou curioso para o professor, não ouvira nada sobre o assunto. Geralmente os guardas de Warren que os protegiam informavam-lhes o que estava acontecendo pelo país, alguns deles conseguiam edições do *Folha Mágica*, o jornal mais popular entre os bruxos, mas talvez esta nova morte estivesse relacionada com o fato dos guardas terem subitamente desaparecido da Rua Guaçuí.

– O que houve, afinal? – perguntou Kal olhando fixamente para Cacius.

– Algo trágico aconteceu com Mardo.

– *Kricolas matou o Ministro da Defesa e Segurança Mágica?* – espantou-se o garoto.

– Não sei se matar é exatamente a palavra, talvez com mais calma eu pudesse lhe usar outro verbo, – Cacius tinha uma voz pesada quase como se ela estivesse sendo empurrada garganta acima – mas sim, Mardo está morto.

– Por que ele fez isto?

– Não saberia responder a esta pergunta. Há mais coisas na mente de Kricolas do que poderíamos entender.

– Professor. – chamou Kal e Cacius sentiu-se aliviado ao perceber que a raiva do garoto estava se esvaindo – No ano passado eu perguntei ao senhor quanto tempo Kricolas demoraria em traduzir todo o Livro de Merlin.

– E eu lhe disse que era impossível fazer esta previsão.

Kal assentiu.

– Continuo tendo a mesma opinião, se quer saber.

– O senhor já leu o livro? – perguntou Kal, com interesse.

– Algumas partes. A complexidade do livro não é verdadeira.

– Como assim?

– Isto depende de quem o lê.

– Quer dizer que...

– Quero dizer que o Livro de Merlin arma um labirinto para aquele que não têm boas intenções. Isto acontece com a maioria dos objetos criados por magia do bem.

Kal achou este detalhe de magia do bem algo bobo, mas no fundo agradecia por ela existir e ser precavida o suficiente para que os segredos mágicos mais poderosos do mundo não caiam em mãos erradas.

– Isto impedirá Kricolas?

– Esta é outra previsão impossível. Para um bruxo comum, o fato de a magia do bem estar contida no livro é o suficiente para que ele não entenda nem mesmo o significado da existência do referido objeto. Contudo, tratan-

do-se de Kricolas, bem, ele é o bruxo mais velho do mundo, certamente, e tem muita experiência. É como eu já havia lhe dito, nós não sabemos quais os limites de seu conhecimento. Encontrar o Livro de Merlin sozinho foi uma verdadeira prova de sabedoria. A magia que protegia o livro também era magia do bem, e ele conseguiu burlá-la.

– Entendo... então os guardas de Warren foram prestar uma última homenagem ao seu ministro? É isso?

– Não teria explicado melhor. – falou Cacius simploriamente.

– Professor Cacius, tia Amanda pediu para chamá-lo para almoçar. – disse Guinevere ao colocar a cabeça para dentro do quarto.

– Oh, sim, minha querida. Creio que eu e Kal já tenhamos conversado bastante.

Quando Cacius preparava-se para sumir no corredor ele foi interrompido pelo som da voz de Kal.

– Professor, desculpe-me e... obrigado também.

Cacius sorriu para o garoto e deu uma piscadela com um de seus brilhantes olhos azuis, como se dissesse “sem ressentimentos”.

– Senti pena do ministro... – comentou Guinevere sentando-se na cama de Daimon.

– Eu também. É sempre uma pena. – falou Kal.

Guinevere era uma garota muito bonita e que se assemelhava muito à Amanda em alguns aspectos, mas a mãe de Kal tinha os cabelos negros e olhos azuis, enquanto Guinevere tinha os cabelos castanhos e olhos esverdeados, porém o jeito, a maneira de falar e a meiguice eram idênticas. Ela fora morar com os Foster quando ainda tinha seis anos, logo após a perda dos pais, que também haviam sido mortos por Kricolas em sua fuga de Warren.

– É doloroso, não é? – indagou a garota – Perder uma pessoa tão importante.

– Sim... – disse ele sabendo que Guinevere referia-se a Adonis agora.

– Eu perdi meus pais, e agora o tio Adonis...

– Pelo mesmo assassino.

– Ele vai pagar.

– Isso eu te garanto. Ele vai pagar sim.

Durante o almoço eles retornaram o assunto sobre o jantar com os Chia-bai. Cacius convencera Amanda de que aquela era uma boa oportunidade para eles se entrosarem com a nova vizinhança, e que seria importante para ela fazer algumas amizades, de forma que tivesse com quem conversar quando Kal, Daimon e Guinevere retornassem à Avalon.

Já convencida, Amanda pediu algumas sugestões de pratos para impressionar os Chiabai com uma boa comida, Kal, Daimon e Guinevere sugeriram pizza, haviam viciado desde que comeram uma de presunto no dia da mudança, mas Amanda não achou que seria muito prudente. No final do almoço ela já estava muito empolgada com os visitantes, e ordenou que os meninos arrumassem a casa enquanto ela e Guinevere se viravam na cozinha para preparar o jantar.

Cacius despediu-se de Amanda, Kal, Daimon e Guinevere logo após o almoço dizendo que deveria se encontrar com alguns outros bruxos do governo, porém antes disso providenciaria um outro grupo de guardas para protegê-los, já que não poderia fazer este serviço por muito tempo. Amanda perguntou se ele estaria para o jantar, mas ele não foi muito preciso em sua resposta, ainda assim os quatro ficaram esperançosos de que o professor pudesse voltar a tempo para ajudá-los com a recepção.

Aquela seria a primeira visita não mágica que a família Foster receberia e eles não estavam muito certos de como agir, do que preparar ou dos assuntos que deveriam ser desenvolvidos durante a noite. Cacius sugeriu então que um deles fosse a uma banca de revistas próxima e comprasse alguns exemplares para que eles pudessem conhecer melhor o universo não mágico. Amanda apenas levantou o dedo num estalo e apenas disse:

– Ótima idéia.

UM JANTAR A SETE

Kal Foster desceu a rua novamente logo depois de Cacius, ele iria procurar revistas, jornais e até mesmo parar nas esquinas para capturar uma conversa entre as pessoas do bairro. Quando se entra em um novo ciclo de pessoas, todos sempre querem passar uma boa imagem de si, e os Foster queriam fazer isto.

Naquela manhã, Kal tivera sua primeira conversa com uma garota deste novo ciclo, mas, na verdade, ele sentiu-se em um interrogatório como os que ele vira nos filmes de bandidos e policiais que passavam à noite na televisão. Sara parecia estar segurando um questionário social, e cada resposta que Kal lhe dava virava uma nova pergunta.

Passando pela praça da rua, Kalevi procurou por Sara, porém não a encontrou.

Provavelmente ela deve estar em casa. Pensou, satisfeito.

Ele não sabia ao certo porque o interesse repentino na nova vizinha. Em sua cabeça ele remoeu a aveludada voz da garota e o seu sorriso honesto de tranquilidade, um sorriso que até mesmo lembrava o de Cacius com o seu ar pacato. Talvez suas emoções estivessem sensíveis e se misturando a imagens de pessoas por quem ele possuía uma empatia avantajada.

Pelo caminho, já longe da Rua Guaçuí, Kal percebeu que estava sendo observado por diversas pessoas, e não eram pessoas disfarçadas de gatos, cachorros ou pombos, eram pessoas não mágicas que o encaravam de modo curioso, como se a frente deles estivesse um espécime raro de animal selvagem pronto para atacar. Todos o encaravam realmente muito curiosos. Kal pensou que talvez as pessoas soubessem que ele e o restante de sua família ficavam sempre reclusos na própria casa e estavam imaginando o que aquele menino de treze anos estaria fazendo rondado as ruas do bairro.

Ele parou por um instante e lembrou-se de que não sabia para onde estava indo, não sabia onde era a banca de jornal mais próxima, afinal, mal saíra de casa. Kal parou na esquina da Rua Chinchila onde uma placa indicava que à esquerda ficava a Rua das Gaivotas e à direita a dos Tormentos, ele ficou estático. Não sabia para onde ir, e antes que tivesse qualquer outra idéia teve seus pensamentos interrompidos por uma voz logo atrás de si:

– Está perdido, garoto? – perguntou um homem alto e robusto – Posso ajudar em alguma coisa?

Em seu mundo mágico, Kal sabia que poderia contar com a ajuda de qualquer pessoa que aparece, pois fazia parte da natureza dos bruxos o companheirismo, mas pelo que ouvira de alguns colegas que moram entre os não mágicos, ele não poderia confiar em qualquer um que lhe oferecesse ajuda. Lembrando-se disso, respondeu em prontidão:

– Não, senhor, estou exatamente onde quero estar. Muito obrigado.

Kal sentou-se no meio fio e esperou até que o homem tivesse sumido de vista. Levantou-se limpando a roupa e então percebeu a varinha no bolso de trás do jeans.

Foi bom ter trazido a varinha.

Para todos os bruxos havia uma só regra quanto à utilização da magia fora dos domínios do Governo Mágico; apenas em caso de perigo extremo – e mesmo assim escondido o máximo possível dos olhos humanos. Ao que constava a Kal, esta regra ainda tinha um parágrafo que dizia ser ilegal o uso de magia para fazer qualquer tipo de mal aos humanos, principalmente as maldições e os diversos tipos de transfiguração corpórea.

O sol estava brilhando forte no céu. Sem nuvens para bloquear alguns raios ou vento para refrescar, Kal começou a suar e arrependeu-se de estar usando jeans e blusa de frio, mesmo dobrando as mangas do moletom ele ainda sentia-se incomodado com a roupa e então desejou poder usar a varinha para fazer uma brisa de ar gelado como a que seu professor de feitiços, Tirso, fizera no ano anterior em uma de suas aulas.

Tirso era, de longe, o professor favorito de Kal em Avalon, não só pela matéria que ensinava, mas também pela sua simpatia e compreensão. Ele havia ajudado Kal com algumas questões que o rondavam, como o livro sobre projeção astral que comprara no início do ano anterior, com alguns mistérios a respeito Livro de Merlin e principalmente sobre Nicolas Wený, que no final das contas mostrou-se sendo na verdade Kricolas, o maior assassino de todos os tempos.

A projeção astral era um tipo de viagem que se fazia por um plano paralelo ao plano físico, um plano em que se podia voar e atravessar paredes como um fantasma e viajar na velocidade do pensamento. Nas férias de meio de ano, Kal fora para sua casa em Vila da Cachoeira com seu irmão Daimon, Guinevere e seu amigo Ralph, de lá eles viajavam todas as noites em projeção astral até a Cidade dos Elfos, a vários quilômetros de distância de onde seus corpos físicos estavam localizados.

Ralph Scheiffer tornara-se o melhor amigo de Kal no ano anterior, eles

se conheceram no dia em que voaram em uma carruagem puxada por bruxos montados em vassouras voadoras até a Cidade dos Elfos. No início, os dois não entenderam-se muito bem, mas Guinevere fez o possível para que os dois pudessem desenvolver uma amizade. Ralph era filho dos Guardiões Chefes de Warren, a penitenciária para bruxos, e tinha um falcão de nome Osíris, o qual mandou, junto com Kal, uma carta para seus pais pedindo que lhes enviassem um retrato falado de Kricolas e alguns dias depois eles receberam uma resposta com a figura mais horrenda que já haviam visto.

Ralph era o amigo com quem Kal compartilhava alguns de seus segredos mais particulares, apesar de ainda não ter assumido oficialmente que estava interessado em Emanuela Goldemberg, isto era quase desnecessário de ser feito, pois o rosto dele brilhava com a simples menção do nome da garota. Emanuela foi a causa de Kal ter aceitado um convite para tornar-se guardião mirim dos terrenos de Avalon no Conselho Estudantil da escola. O presidente do Conselho, Rômulo Martins, o convidara na primeira semana de aula, no entanto ele não aceitara o convite de imediato, e quando o fez foi bravamente repreendido por Guinevere e Ralph, alegando que ele apenas aceitara o convite por causa de Emanuela. O que não era nenhuma mentira. Aquela fora a primeira e única briga a qual eles tiveram no ano inteiro.

Em Avalon, Kal também conheceu outras pessoas que o cativaram com a amizade, como Jonathan Mc'Oz, melhor amigo de Daimon, e Thalís Kinquest, um garoto também vítimas de Kricolas; seus pais foram brutalmente assassinados pelo meio-vampiro.

Um estranho mistério pairava sobre Thalís quando se conheceram, pois bruxos menores de dezesseis anos não conseguem esfumçar, mas surpreendentemente, Thalís esfumçou momentos antes de Kricolas conseguir estrangulá-lo. Após isto ele ficou perdido na Floresta Amazônica e foi atacado por Griphons, criaturas amarelas originárias do plano astral, com a capacidade de se materializar no plano físico. Encurralado e com medo, Thalís gritou por socorro, sendo localizado por Kal e Ralph. Enquanto Ralph buscava ajuda, Kal embrenhou-se floresta adentro e livrou-se dos Griphons. A partir daquele dia, Thalís começou uma nova vida como bruxo. No final do ano, ele soube que sua mãe era de uma família de bruxos e que ela havia se desligado da magia após ter perdido seus pais pelas mãos de ninguém menos do que Kricolas.

O meio-vampiro fazia inimigos por onde passava, nos últimos anos ele matara mais pessoas do que se pode contar com os dedos, deixando crianças órfãs e mulheres viúvas, a última de suas vítimas, pelo menos que se tem notícia, fora o Ministro da Defesa e Segurança Mágica, Mardo Runifer, e

Kal não sabia ao certo o que aconteceria ao Governo com esta perda tão significativa. A morte de Mardo, para Kal, tinha um valor muito mais simbólico do que simplesmente psicopata. Agora, todos sabiam que as forças do mal não estavam para brincadeiras, e que com o Livro de Merlin em mãos, Donovan estaria de volta à vida em pouco tempo.

Há exatos novecentos e noventa e nove anos, Donovan, ou, Cavaleiro Negro, foi o maior bruxo das trevas em toda a terra. Ele liderou massacres contra os humanos, acreditando que por não possuírem dons mágicos, eles deviam ser considerados criaturas inferiores, meros erros da evolução das espécies, e que ele tinha a missão de aniquilar esta raça de humanos *imperfeitos*. Donovan conseguiu reunir um vasto exército de bruxos das trevas e outras criaturas mágicas que comungavam da mesma idéia.

Felizmente, havia Merlin e seu discípulo Foster, o primeiro antepassado de Kal, juntos eles inauguraram a Escola de Magia de Avalon. Uma escola onde bruxos, ou não, qualquer interessado em magia poderia aprender a arte. Para livrar-se das perseguições do exército das trevas e de alguns humanos que passaram a temer os bruxos pelo seu poder, Merlin e Foster ergueram o castelo acima das nuvens, onde logo abaixo formou-se a maior cidade encantada do país, a Cidade dos Elfos.

Avalon tinha um aspecto de castelo medieval, no entanto era tão novo e tão conservado, de longe diria-se que o castelo possui mais de novecentos anos. São vários os encantos que protegem os segredos do castelo, a começar com as nuvens que o cercam, formando uma densa muralha natural, onde qualquer viajante não convidado poderia ficar perdido eternamente.

Tão perdido quanto estava Kal naquele momento. Ele já dera a volta em três quarteirões quando percebeu que estava completamente desorientado. Estava em seu ponto de partida, na mesma esquina em que um homem robusto lhe oferecera ajuda. As pessoas dentro das lojas continuavam a olhá-lo atenciosas, porém agora elas tinham um motivo. Kal havia circulado os quarteirões da redondeza e todos estavam curiosos para saber o que aquele garoto de família tão estranha estava fazendo ao circular pelo bairro?

Ele decidiu que era hora, então, de perguntar. Perguntar ao primeiro que passasse em sua frente, fosse quem fosse. Afinal, ele estava com sua varinha e não iria se importar em usar caso corresse perigo.

Logo a sua frente vinha uma mulher, uma senhora já de idade, tinha o cabelo curto, um vestido comprido que lembrava um tipo de camisola e calçava um sapatinho de couro. Kal já estava separando os lábios para perguntar onde ficava a banca de revistas mais próxima, quando um cão de porte médio e pelos amarelos pulou a sua frente tirando-lhe um pequeno grito de

espanto. Ele colocou a mão direita na calça e tocou a varinha, ele sabia que aquele não era um cão, era um bruxo transformado.

Cães não saltam na frente das pessoas desse jeito.

– Hei, garoto! Espere. – falou o cão de cabeça baixa.

– Quem é você?

– Katrini Likiniki. – respondeu – Guarda de Warren. Sua mãe me disse que você havia saído e estava demorando.

– Oi.

– Está perdido, não é?

– Preciso ir até uma banca de revistas. Sabe onde tem uma?

– Vem comigo.

Era a situação mais inusitada que já acontecera na Rua Chinchila, um garoto após ficar completamente perdido parecia ter conversado com um cachorro e agora o estava seguindo. Ninguém parecia querer acreditar naquilo, então resolveram se dedicar cem por cento ao que estavam fazendo e esquecer as sandices do novo morador do Araçá.

Alguns mais curiosos continuavam a observar Kal das janelas dos prédios no segundo andar, e ele lembrando-se do que Caciuz fizera quando fora até sua casa e todos os moradores o encararam intrigados, começou a distribuir “boa tarde” a todos que o observavam.

– Fique quieto! – ordenou Katrini – Não chame a atenção.

– Conversar e seguir um cão chama muito mais.

– Certo, da próxima vez arrumamos uma coleira...

Katrini conduziu Kal por várias ruas, fazendo curvas e desvios, no fim, a Guarda de Warren deixou o garoto em uma banca de revista chamada Tulipa. Kal lembrou-se imediatamente da floricultura da Cidade dos Elfos, a Flor-de-Lis. Ela era a mais antiga de todas as floriculturas do país e fora fundada pelo Governo mágico após a construção de Warren. A floricultura carregaria a marca com que os prisioneiros de Warren recebiam ao serem presos, a Flor-de-Lis. Algo parecido com uma espada com pétalas nas bordas. No ano anterior, Kal visitara a floricultura com Ralph, Guinevere e Daimon, onde cada um comprou um tipo de planta. Kal escolhera sem querer a planta mais difícil de se cuidar, a *Herviana gornóide*, um tipo de planta subterrânea sensível à luz.

– Bom dia, senhor! – cumprimentou Kal a um homem gorducho e muito sujo.

– Bom dia. – respondeu o homem enquanto limpava a mão suja de doce na camiseta branca.

– Tem revistas e jornais?

– Isto aqui é uma banca de revistas e jornais.
– Certo. Certo. – disse Kal sem entender direito o que o homem havia dito – Eu quero o jornal de hoje.
– Qual? – perguntou o homem exibindo na prateleira alguns exemplares.
– Ah... este! – apontou Kal para um em que havia um anúncio de cereal.
– Um real.
– Ok. – disse separando o dinheiro sem muita dificuldade.
– Mais alguma coisa?
– Vou olhar as revistas.
– Tudo bem. – falou o homem enfiando mais um pouco do doce enquanto pegava um jornal para ler.

Kal leu alguns títulos, mas não sabia ao certo o que eles queriam dizer. As pessoas daquele mundo tratavam de diversos assuntos ao mesmo tempo, uma única revista podia abordar os mais variados temas e Kal não sabia qual escolher.

Ele olhou mais uma vez e decidiu por pegar uma em que havia um casal em pose de meditação. Ele achou que falar sobre guerras e desastres naturais em um jantar não seria muito amistoso.

– Eu quero esta.
– Então compre. – respondeu o homem impaciente – Você não é daqui, é garoto?
– Sou é... sou do norte.
– Sei... – disse o homem com uma expressão estranha – São sete e cinquenta.
– Tome. – disse Kal estendendo uma nota de dez.
– Obrigado. – agradeceu enquanto entregava o troco ao garoto e ainda assim olhando de esguelha para ele.

Kal enfiou o restante do dinheiro no bolso e olhou para Katrini que estava se coçando logo mais à frente. Ele saiu de dentro da banca de jornais e seguiu até a bruxa disfarçada. Ela o esperava impaciente e assim que se aproximou ela parou de se coçar e o seguiu dizendo:

– É cada humilhação que temos que passar para manter o emprego...
– Você podia se transformar num pássaro, não?
– Não tenho permissão para isto?
– Como assim?
– Warren ordenou-me assumir a forma de um cão.
– É assim que funciona, então?
– Não é tão ruim.
– O que pode ser pior? – perguntou Kal imaginando algumas possibilidades estranhas.

– Certa vez, tive que me transformar em vaca. Nestas horas, o que mais sinto falta são dos polegares!

– Imagino.

Ao chegar na praça da Rua Guaçuí, Katrini Likiniki seguiu por outro caminho, mas Kal já estava em segurança. Alguns dos guardas de Warren perambulavam pela rua em sua tarefa de proteger os Foster contra qualquer perigo. Kal estava curioso para saber o que havia acontecido no Governo após a morte de Mardo, mas não quis entrar em detalhes com Katrini no meio de várias pessoas. Certamente elas estranhariam o tipo de conversa e também o ouvinte. Ele subiu a rua folheando as páginas do jornal à procura de uma manchete interessante e que pudesse render um bom assunto...

Antes que Kal pudesse chegar em casa, seu irmão, Daimon, veio correndo ao seu encontro com o rosto pálido e suando frio. Daimon estava com uma camisa de botões, que estava aberta até quase a metade do peito. O garoto parecia estar muito ofegante e Kal parou no meio da rua para que ele pudesse se explicar melhor.

– Vem... comigo... mamãe... depressa!

Kal dobrou os joelhos para pegar um melhor impulso e saiu rua acima puxando o irmão pelo braço. Daimon quase não tocava o chão, tamanha a força que Kal fizera para arrastá-lo. Os dois chegaram em casa quase que expulsando os pulmões. Amanda estava sentada na sala praticamente desmaiada, Guinevere ao seu lado abanando.

– O que aconteceu? – perguntou Kal ao entrar.

– Graças a Deus, meu filho, que você chegou. Estava ficando preocupada...

– Não precisava. Katrini estava comigo.

– Sim eu sei, mas... mas aconteceu algo terrível. Caciús não tinha o direito de nos ter escondido isto... não tinha.

– Do que ela está falando? – perguntou Kal a Daimon sem entender a que Amanda se referia.

– Olhe isto. – disse Daimon pegando uma folha de pergaminho em cima da televisão – É o jornal de hoje.

Kal segurou a folha em frente aos olhos e leu em voz alta.

Falhas da segurança, morre um ministro

Morreu na semana passada o Ministro da Defesa Mágica, Mardo Runifer. O ministro, que ocupava o cargo há pouco menos de dez anos, foi brutalmente assassinado pelo meio-vampiro Kricolas, que segundo dados do próprio ministério, já assassinou mais de

quinze pessoas só neste ano. O caso havia sido abafado pelo governo na tentativa de conter os ânimos da comunidade mágica. Mesmo com tanta precaução, a notícia vazou e informantes que gozam de nossa inteira confiança, nos afirmaram que o assassinato ocorreu por volta de nove da noite do dia sete de janeiro.

Hoje, o ministério ainda não se pronunciou quanto o caso. Soubemos que ontem foi realizada uma reunião com os Guardas de Warren para determinar que todos permaneçam em seu posto até um novo ministro ser nomeado.

Alguns nomes foram indicados durante a reunião, e entre a lista, os três mais importantes são: O diretor da escola de Magia de Avalon, Caciús Henrique Emrys; o até então Guardião Chefe de Warren, Uric Scheiffer e o atual Secretário de Defesa e Estratégia do Estado Mágico, Dorian Gulemarc. Não conseguimos depoimentos a respeito dos dois primeiros bruxos, mas sabemos que, no passado, Caciús Henrique ocupou o cargo de vice-presidente por alguns meses e após esta experiência foi indicado para outros cargos de importância dentro do Governo, mas recusara a todos os convites em nome de sua escola. Uric Scheiffer é um personagem em ascensão no país, e não se sabe muito mais do que a sua função em Warren.

No entanto, o transparente Dorian Gulemarc visitou nossa redação e disse que caso ele seja escolhido pelo Conselho de Magia, do qual os três candidatos fazem parte, para assumir o papel de Ministro da Defesa e Segurança Mágica, sua primeira meta será colocar guardas a paisana por todo o país “em busca do sanguinário Kricolas”, como mesmo frisou. Ele disse não entender porque o governo quer esconder uma calamidade como esta. “Temos um monstro perigoso à solta e devemos contar com o máximo de ajuda possível. As pessoas precisam saber!”.

Quando inquirido se Kricolas vasculhara alguns departamentos do prédio sede do Governo, o Secretário apenas disse que Kricolas roubou os relatórios do Programa de Proteção a Vítimas e Testemunhas, que ficavam no mesmo andar da sala de Mardo Runifer.

Kal parou perplexo. Não acreditara no que lera. Aquilo definitivamente não poderia ser verdade. O Programa de Proteção a Vítimas e Testemunhas do Ministério da Defesa e Segurança Mágica, era o programa em que os Foster estavam inscritos. Se Kricolas estava com os relatórios era certo que ele também sabia onde estavam morando.

– Você acha possível que... – perguntou Daimon, a Kal, olhando para sua mãe que continuava a ser abanada por Guinevere.

– Que ele venha atrás de nós? – completou Kal.

– Não há como afirmar nada. Por hora é melhor esquecermos isto.

– O que disse, meu filho?

– Que estamos seguros, mamãe. Têm mais de trinta guardas lá fora prontos para se transformarem e atacarem qualquer pessoa que tente nos ferir.

– falou Kal num tom de voz confiante.

– É isto mesmo senhora. Enquanto estivermos aqui não há com o que se preocupar. – falou um gato laranja e pouco peludo que estava na janela ao lado de um segundo gato. Ele era persa e tinha os pêlos acinzentados.

– Olá. – cumprimentou Amanda.

– Estaremos atentos a qualquer coisa. – disse o persa.

– Ih! Olha um novelo!

O gato laranja pulou da janela e caiu de pé sobre um novelo de lã que usou como brinquedo.

– Adoro ser gato.

– Cale a boca, Fred! – cortou o persa enquanto saltava da janela e assumia a forma humana, um homem alto com o uniforme branco e cinza de Warren combinando com seus cabelos longos, lisos e grisalhos – Senhora Foster, meninos, senhorita. Eu sou Stuart, e este é Fred – o gato laranja pareceu não se incomodar com a apresentação e continuou brincando com o novelo de lã – Nós montamos um esquema de segurança para que possam ficar tranquilos. Sempre que quiserem ir além da praça nos informem que enviaremos alguma escolta.

– É, mas também pedimos para que não saiam de casa à noite porque queremos descansar também.

– Fred, você quer perder o emprego não quer? – perguntou Stuart, secamente.

– De forma alguma. – falou ele, também voltando à forma humana, a de um rapaz de vinte anos, magrelo e de cabelos ruivos – Eu ainda vou ser Ministro da Defesa e Segurança.

– Torça para a noite chegar logo que isto acontece, com certeza. – falou Stuart tirando risadinhas de Kal, Daimon e Guinevere – Muito bem então, acho que agora temos que ir. Não queremos incomodar vocês.

– Obrigada, Stuart e... Fred. – falou Amanda percebendo que esse continuava a brincar com o novelo de lã mesmo depois de ter se transformado – Agradecemos por tudo que vocês têm feito por nós, e vamos contribuir para não dificultarmos muito as coisas.

– Tenham uma boa tarde, então. Vamos Fred, e por Merlin largue este novelo. – grunhiu Stuart antes que os dois se transformassem novamente em gatos e saltassem pela janela.

– Viu só mamãe. Estamos seguros. – disse Daimon.

– Sim, estamos, mas Cacius não poderia ter nos escondido o fato de Kricolas saber onde moramos...

– Ele não sabe. – disse o professor que acabara de esfumaçar ao lado da

janela – Desculpe-me por chegar assim, sem avisar, mas é que estou num pequeno intervalo de uma reunião e precisava vir o mais rápido possível.

– Já sabemos de Kricolas, professor. – falou Daimon.

– Sim. Era exatamente isto que vim avisar. Podem ficar tranquilos. Kricolas não tem o endereço de vocês. – afirmou ele com toda segurança.

– Mas aqui diz que os relatórios... – argumentou Amanda segurando o jornal.

– Sim, o Folha Mágica gosta de acrescentar muitas informações nos seus textos. Contudo nem todas são verídicas. Os relatórios que Kricolas roubou não continham qualquer informação sobre o Programa de Proteção a Vítimas e Testemunhas. Na verdade ele roubou apenas um dossiê explicativo esclarecendo as metas do programa.

– Então ele não sabe onde estamos? – quis assegurar-se Amanda.

– Não.

– E onde estão os relatórios? – perguntou Kal curioso.

– Em um lugar onde ele nunca poderia entrar.

– Avalon? – sugeriu Kal.

Cacius sorriu, como se estivesse contente com a resposta de Kal, porém corrigiu-o logo em seguida.

– Warren. Todos os relatórios estão lá. Em segurança.

– Isto me alivia muito, professor... – confessou Amanda.

– Eu imagino como se sente. – disse Cacius retirando um relógio prateado de dentro do bolso das vestes – Desculpe, preciso ir agora. Está na hora da reunião. Sinto muito, só que não poderei ficar para jantar, senhora Foster. A reunião vai se prolongar. Vejo vocês outra hora. Até mais.

Mal terminara de dizer as últimas palavras, o bruxo já estava esfumando outra vez, deixando apenas um colorido esfumado que rapidamente sumiu com a ajuda do vento. Kal estava a meio segundo de perguntar ao professor o que era o Conselho de Magia que o Folha Mágica enfatizara, então deduziu que devia ser uma espécie de assembléia, onde os grandes bruxos do país votavam leis entre outras decisões.

– Bem, agora que estamos certos de nossa segurança acho que podemos nos preparar para receber nossos visitantes. – falou Amanda.

Os quatro sentaram-se no chão da sala e distribuíram os cadernos de notícias do jornal. Leram sobre economia, turismo, ciência, tecnologia, esportes e algumas outras novidades internacionais. A revista que Kal comprara não fora tão útil, pois em sua maior parte era composta por anúncios, sobrando poucas páginas de matérias bobas e outras cheias de fotos de pessoas em festas. No geral, os Foster e Guinevere conseguiram ter uma mínima

noção a respeito do mundo não mágico, pelo menos o suficiente para cogitar um breve assunto.

Por volta das seis horas, Amanda e Guine entraram na cozinha com um caderno de receitas, enquanto Kal e Daimon limpavam a sala e a copa. Os dois trancaram toda a casa e fecharam as cortinas, a fim de poderem usar magia para facilitar o serviço de limpeza. Após isto, os dois começaram a trocar as lâmpadas, queimadas graças à radioestesia, sintonizaram a televisão, que insistia em não pegar, estenderam um tapete verde no chão da sala e acenderam alguns abajures pela casa para que não passassem vergonha caso uma lâmpada deixasse de funcionar. Depois de arrumarem a casa, os quatro vestiram roupas bem sociais, como as que viram nas fotos da revista que Kal comprara.

– Acho que acabamos. – falou Daimon largando-se no sofá.

– Já são sete e meia. Os Chiabai podem chegar a qualquer momento.

Eles sentaram-se em frente à tv e passaram a assistir o noticiário das sete. Naquele dia as notícias não eram tão boas. Quatro acidentes de carro e cinco mortes, Kal prestou bem atenção para ver se relacionava os ocorridos à Kri-colas, no entanto parecia improvável que o meio-vampiro tivesse suicidado três pessoas e atirado em outras duas.

Às oito da noite, a campainha do interfone dos Foster tocou e de um salto os quatro levantaram-se do sofá com os corações acelerados. Daimon retirou o interfone do gancho e disse:

– Chiabai?

– Oh, sim! – falou o senhor Alexandre Chiabai, através do interfone.

– Podem entrar. Não temos cachorro. – disse Daimon desligando o aparelho – Estão vindo.

Kal e Guinevere ficaram ao lado de Amanda, na porta de entrada, prontos para recebê-los enquanto Daimon se certificava de que a lasanha que sua mãe e Guine fizeram não estava queimando dentro do forno.

– Está ok. – falou ele ao se juntar aos três.

– Olá! – disseram Alexandre e Mara Chiabai ao entrarem e cumprimentarem todos.

– E sua filha? Não pôde vir? – perguntou Amanda.

– Oh, ela virá. Estava com umas amigas em casa e por isso se atrasou. Em instantes ela chega.

– Por favor, entrem... – falou Amanda conduzindo-os até a cozinha.

– Será que ela vem mesmo? – perguntou Guinevere a Daimon e Kal e os dois deram de ombros.

Amanda, o senhor e a senhora Chiabai sentaram-se na mesa da cozinha

e conversaram tranquilamente, Amanda prestava atenção no que os dois falavam entre si, e logo percebeu que humanos e bruxos não eram nada diferentes. Aqueles dois estranhos despertaram nela uma alegria que há tempos não sentia. Amanda e seu marido Adonis conversavam longamente durante o dia, e ela sentia falta disso. Ter alguém para partilhar idéias e sugestões. Era certo que Cacius sempre a visitava, mas em geral não havia muito o que conversarem, nem ela queria fazer o professor perder seu valioso tempo discutindo sandices. Os guardas de Warren passavam a maior parte do tempo na forma de animais e eles precisavam estar sempre concentrados, então ela não os incomodava. Desde que se mudaram de Vila da Cachoeira, portanto, seus únicos parceiros de conversa eram três adolescentes. Mas Amanda ainda achava que suas conversas não eram tão atraentes para os três. E agora, ali, olhando para aquele casal sentiu-se finalmente contente por ter com quem trocar idéias, mesmo que não fosse sobre o seu verdadeiro mundo.

É uma pena que eles não possam saber de nós, talvez se interessariam... Pensou, em um leve entusiasmo.

Entediados, Kal, Guine e Daimon saíram pela porta da frente e caminharam pelo jardim até o portão de entrada. Quando tentaram abri-lo deram-se conta de que os Chiabai o haviam trancado e que eles estupidamente esqueceram as chaves.

– Vocês acham que tem alguém espiando? – perguntou Kal.

Os dois espreitaram os olhos pela vizinhança, primeiro na casa de Alexia Almeida, a fofoqueira de plantão, se ela não estivesse olhando ninguém mais estaria.

– Acho que não tem ninguém espiando. – falou Daimon.

– *Opandor!* – disse Kal com a varinha apontada para a tranca do portão.

– Posso saber aonde os três estão indo? – perguntou uma voz familiar vinda de cima de uma árvore ao lado do portão dos Almeida.

– Quem está aí? – perguntou Kal escondendo a varinha.

– Por Merlin, vocês são uns teimosos! – falou novamente a voz de cima da árvore – Sabem que têm que nos avisar quando tiverem intenção de sair.

– Só vamos dar uma volta.

Um gato laranja e de pelos curtos saltou da árvore com a verdadeira destreza de um felino. Era Fred.

– Eu os acompanho. – disse o guarda de Warren.

– Tudo bem, mas de longe. – impôs Guinevere.

– Será que um de vocês poderia me carregar no colo? Acho que machuquei a pata quando saltei da árvore...

Os três entreolharam-se com as sobranceiras erguidas e bufaram.

– A menos que prefiram ficar em casa...

Daimon puxou o gato pela nuca e segurou-o como se fosse um bebê.

– Obrigado. Vocês são muito gentis. – agradeceu Fred enquanto lambia sua pata dianteira.

Os quatro seguiram rua abaixo até a pequena praça, onde na manhã daquele mesmo dia Kal conversara com Sara Chiabai. A vizinhança estava silenciosa, algumas poucas luzes acesas dentro das casas e nada mais, apenas dois postes estavam com as luzes queimadas e alguns outros passaram a piscar quando eles passaram por baixo.

– Estranha essa tal de radioestesia, não? – comentou Fred.

– Tão estranho quanto gatos falantes. – disparou Guinevere.

– Estive pensando em comprar botas, soube de um famoso que usa botas.

– Quietos! – advertiu Kal.

Ao se aproximarem da casa de Sara, ele pôde ouvir barulhos de conversa e sentiu uma imensa vontade de tirar a varinha do bolso e usar o Captus, feitiço que dá ao bruxo uma super audição capaz de ouvir qualquer coisa com perfeição num raio de um quilômetro.

– Ela é legal? – perguntou Guinevere, desconcentrado Kal de seu pensamento.

– Sim. – respondeu ele rapidamente.

– O que vocês vieram fazer aqui? – perguntou Fred.

– Nada. – disseram os três.

– Pelas grades de Warren! Eu estava dormindo como um bebê e vocês vêm aqui por nada! – resmungou o gato.

– Ninguém te convidou... – disse Daimon que já estava cansado de carregá-lo no colo.

Os três sentaram-se nos mal cuidados balanços e Kal ficou a olhar para a casa de Sara, quase que hipnotizado. Ele nunca sentira algo parecido. Talvez nem mesmo por Emanuela Goldemberg, por quem era apaixonado, nem isto ele tinha mais tanta certeza. Mas sabia que naquela manhã, algo acontecera entre ele e Sara Chiabai. Algo estranho e talvez bonito. Mas ainda assim não sabia se era exatamente amor.

Nas últimas semanas, ele assistira a vários filmes, e em diversos deles os personagens falaram em amor à primeira vista. Porém ele achou que aquilo era uma técnica de cinema, uma que construir um verdadeiro amor em menos de duas horas era impraticável, então, inventou-se o “amor à primeira vista”. E ele não queria ser influenciado por uma corrente amorosa de cinema. Definitivamente não.

– Está pensando nela? – perguntou Daimon de supetão.

– Sara. – completou Guine.

– Acho... acho que sim. – respondeu com toda sinceridade, coisa que não era muito comum, Kal sempre achara que os seus sentimentos não deviam ser compartilhados.

– Temos alguém apaixonado por aqui? – perguntou Fred.

– Disse para ficar quieto! – repreendeu Kal.

– Cara, você está caidinho pela não mágica! – gargalhou Fred balançando as patas no colo de Daimon.

– Fica quieto. – disse Daimon, que se esforçava para conter o gato.

– Não mágicos e bruxos são como água e óleo, seu burro. Não dá para misturar.

– Saia daqui! – trovejou Guine com o guarda que começava a agir impertinentemente.

– Não posso abandonar meu posto.

– Que pena. – disse Kal, o mais calmo entre eles. Não se importava em nada com as opiniões de Fred ou do conceito de que não mágicos e bruxos são criaturas muito distintas. Dificilmente ele se abatia com o julgamento alheio.

Eles ficaram sentados ainda um bom tempo conversando, sobre qualquer outro assunto que não fosse a vida amorosa de Kal, até que Sara Chia-bai saísse de casa com suas três amigas por volta de nove horas. Kal admirou a vizinha em sua saia até um pouco acima dos joelhos e sua camisa de manga comprida verde, àquela noite fazia frio, mesmo estando no verão.

– Boa noite. – disse a garota aos três.

– Boa noite. – responderam.

– Bonito gato. – falou ela olhando para Fred que se espreguiçava no colo de Daimon.

– Não é meu. – falou ele jogando o gato para frente – Só estava... só estava com ele.

– Entendo.

Fred aproveitou que Sara estava de costas para ele e fez língua para Daimon em protesto.

– Estavam me esperando? – perguntou a garota – Desculpe-me fazê-los esperar.

– Não. Tudo bem. Só estávamos... aqui. Só isso... – disse Kal, meio que gaguejando.

– Eu sou Guinevere. – disse apresentando-se para Sara.

– Oi! Kal me falou sobre você hoje de manhã. – respondeu ela.

– Acho que... acho que estão... estão nos esperando. – disse Kal cabisbaixo e se odiando por estar gaguejando tanto.

Ele adiantou o passo e saiu na frente dos três, no entanto ao atravessar a rua até a esquina da casa de Sara ele sentiu um arrepio gelado em seu estômago como se tivesse engolido uma pedra de gelo naquele momento e um frio cortante alisou sua nuca. Aparentemente, apenas ele sentira aquilo. Guinevere, Daimon e Sara continuaram o caminho passando por ele, Fred seguia-os logo atrás.

Kal concluiu que era apenas um vento, um vento como qualquer outro e que não era motivo para pânico. Ainda mais na presença de Sara.

– Algum problema, Kal? – perguntou ela ao reparar que o garoto estava muito atrás deles.

– Oh! Não, não. Tudo ok. – disse meio que sem confiança e correu para acompanhá-los.

– Se isso te ajuda rapaz, eu também percebi. – disse Fred de cabeça baixa quando Kal passou por ele – Vão para casa! Depressa!

Kal acenou com a cabeça e se apressou mais ainda fazendo com que os outros três acompanhassem seu passo acelerado.

– O jantar deve estar pronto, não é?

Amanda e Guinevere fizeram um excelente trabalho na cozinha. A lancha estava no ponto de cozimento exato e não houve falhas no tempero, até mesmo o paladar mais exigente se renderia àquela comida. Quando os garotos chegaram em casa, Amanda acabara de pôr os pratos na mesa com a ajuda de Mara, que apanhara uma jarra de suco de laranja dentro da geladeira e servira nos copos de vidro, cada um com três cubos de gelo.

– Parabéns às cozinheiras! – disse Mara.

– Obrigada. – responderam Amanda e Guinevere em coro.

Os assuntos da mesa divergiram sobre tudo o que os Foster leram. Naturalmente eles incitaram o assunto que tinham decorado na ponta da língua, para ganhar uma certa vantagem, e de forma que não se perdessem com as notícias recém adquiridas. Os Chiabai foram agradáveis em suas respostas e tinham uma visão bem politizada dos assuntos. Sara, apesar de parecer o tipo de garota que não entende muito além de maquiagem e shopping, mostrou-se bastante franca e confiante em suas afirmações. A cada palavra que a moça soltava, Kal sentia seu pelo eriçar de entusiasmo e alegria de ter, supostamente, se apaixonado por alguém tão encantadora.

Em dada hora da noite, os Chiabai perguntaram se eles não gostariam de sair todos juntos para um passeio entre amigos. Mesmo indecisa sobre a idéia, Amanda perguntou aos visitantes:

– Têm alguma sugestão?

– Chegou um parque na cidade. – falou Sara – Todos os meus amigos já foram lá.

– Parece uma boa idéia. – disse Kal olhando timidamente para a garota a sua frente.

– Dentro do parque tem um circo também. – prosseguiu Sara.

– Ótima idéia! – disse Alexandre – Faz tempo que não vamos a um circo, querida.

– Acho que a Sara era uma criança. – completou Mara.

– E vocês? – perguntou Sara a Kal, Daimon e Guine – Já foram a um circo?

Os três entreolharam-se e dirigiram o olhar a Amanda, que respondeu:

– Sim. Fomos. Mas eles eram tão pequenos, duvido que lembrem de muita coisa. – mentiu. Os Foster nunca se quer chegaram próximo a um circo, muito menos um parque de diversões.

– É uma boa idéia, então? – perguntou Daimon à mãe.

– Sim, claro. – respondeu ela, temerosa.

– Quando vamos? – perguntou Guine entusiasmada.

– Por que não vamos logo amanhã. – sugeriu Alexandre.

– Ótimo. O parque abre às dezoito horas. – disse Sara.

– Legal então. Combinado. – respondeu Kal e assim que terminou de falar sentiu novamente um arrepio na barriga e o vento na nuca.

Novamente nenhum dos presentes pareceu sentir a mesma sensação, porém ele agora tinha certeza de que não era apenas um vento. Olhou para sua mãe na ponta da mesa e ela parecia estar nervosa com alguma coisa. Os talheres em suas mãos estavam tremendo e Kal viu uma pequena gota de suor descer pela testa de Amanda.

Kal voltou ao seu prato para dar mais uma garfada no pedaço de lasanha que acabara de cortar e assim que o colocou na boca engoliu-o em seco ao ouvir um som rouco, quase como um agouro vindo da janela. O menino olhou para fora e viu o lago refletir calmamente a luz da lua por um breve instante, mas no segundo seguinte a água agitou-se provocando um movimento de ondas, como se uma pedra bem grande tivesse sido jogada no lago, no entanto, naquela ocasião, ele sabia que não fora uma simples pedra.

Olhando mais fixamente para fora, percebeu uma pequena agitação entre os guardas de Warren que corriam de um lado para o outro do lago. Era um movimento sincronizado como se estivessem isolando-o, verdadeiramente fazendo uma muralha. Kal suspirou profundamente quando um guarda inicialmente transfigurado em pombo sobrevoou o lago e transformou-se em peixe, mergulhando de cabeça. Fora uma sorte os três Chiabai estarem posicionados de costas para a janela.

– Algum problema, Kal? – perguntou Mara percebendo que o garoto estava catatônico e olhando fixamente para fora.

– Não. Não há problema nenhum. Só os peixes que estão pulando muito hoje. – respondeu nervosamente.

Amanda percebendo a situação pronunciou-se antes que um dos visitantes também se interessasse pelos peixes que Kal mencionara e olhasse para trás.

– Kal, está frio aqui não está? Por que não fecha a janela, querido. – sugeriu.

Kal balançou a cabeça positivamente, talvez ele mesmo tivesse aquela idéia um minuto mais tarde. Antes de fechá-la, enfiou a cabeça para o lado de fora e procurou pelos guardas. Todos tinham sumido.

– Feche logo, querido. – disse mais uma vez Amanda, em claro tom de nervosismo.

Ele puxou as vidraças e desceu a persiana, de forma que nada que acontecesse do lado de fora pudesse ser visto ou percebido por nenhum deles ali da cozinha.

Quando o relógio na parede marcou dez e meia, os Chiabai levantaram-se agradecendo pelo jantar e recombinaaram o encontro do dia seguinte.

– Que jantar agradável. – disse Mara – Ficamos felizes em tê-los em nossa vizinhança.

– Às dezoito horas, na pracinha, combinado? – sugeriu Alexandre.

– Está bem, então. – respondeu Amanda.

– Até mais, Kal. – disse Sara ao atravessar a porta de entrada.

– Até...

No momento em que os Chiabai chegavam ao portão um gato peludo passou a poucos centímetros de suas pernas e Mara tomou um pequeno susto.

– Apenas um gato. – disse ela virando-se para os Foster.

Assim que Mara Chiabai selou os lábios todos os postes da rua começaram a piscar e se apagaram ao mesmo tempo, deixando a rua sob uma névoa de escuridão.

– Tudo bem não há perigo. – disse Alexandre não muito convencido.

Kal correu para dentro de casa e foi direto para a cozinha abrir a janela com vista para o lago. Ele admirou a cena. Eram mais de cinquenta gatos e cachorros, todos olhando para o centro do lago em expectativa. Kal reconheceu o gato mais próximo como sendo Stuart. Ele chamou a atenção do gato e disse baixinho:

– Stuart! Você pode seguir os Chiabai até em casa? Por algum motivo todos os postes se apagaram!

– Precisa ser agora? – perguntou o guarda, claramente exautado.
– Por favor. Pode ser perigoso para eles.
– Não posso abandonar meu posto. – teimou.
– O que está acontecendo afinal de contas? – quis saber Kal.
– Tudo bem garoto. Eu vou acompanhá-los. Vá dormir. – disse Stuart esquivando-se da pergunta de Kal.

O garoto pôs-se para dentro da cozinha novamente e trancou a janela, correu então para a janela do seu quarto de onde teria uma visão mais aérea da cena. Havia um brilho estranho dentro das águas esverdeadas do lago, e não era apenas o brilho da lua. A luz parecia sair do fundo do lago. Os guardas de Warren continuavam espalhados à margem muitos em posição de ataque.

– Algum problema, Kal? – perguntou Daimon curioso da porta do quarto.

– Não! – respondeu fechando a janela subitamente – Só estava olhando a lua...

- Parece estar bonita hoje. – disse Daimon se aproximando da janela.
- É uma pena que tenha muitas nuvens. – falou Kal e o irmão se afastou.
- A tudo bem. Eu vou dormir então. Boa noite.
- Boa noite.

Kal encostou a cabeça no travesseiro e fechou os olhos, contudo assim que o fez, seu cérebro mostrou-lhe as imagens do lado de fora da casa. Ele continuava vendo os guardas ao redor do lago, e então viu os Chiabai indo para casa, seguidos de perto por Stuart. Era apenas imaginação. E foi neste ritmo que Kal mergulhou em um sono atormentado por pesadelos e sonhos confusos. Como o em que ele corria por uma linha de trem e ao passar por uma estação ele viu Sara sentada em um banco, mas quando quis parar não conseguiu. Seus pés não o estavam obedecendo e ele continuou correndo até a próxima estação onde a mesma Sara continuava sentada em um banco a sua espera, no entanto ele não podia parar, não, não podia...

- Kal... Kal... Kal acorda... – ouviu ao longe.
- Kal, o professor Cadius quer ver você.
- Guine... o que...
- Bom dia. Acho que estava sonhando. – falou Daimon.
- Você estava dizendo que queria parar. – disse Guinevere logo em seguida.
- Cadius está aí?
- Sim. – confirmou a garota.

Kal levantou da cama, ainda estava com a roupa que usara no jantar, e correu rápido até as escadas descendo dois degraus por vez. Ao chegar à cozinha, deparou-se com Cacius que bebericava uma xícara de café enquanto Amanda contava como fora agradável a noite anterior com a visita dos Chiabai.

– ...e eles adoraram a lasanha.

– Bom dia, professor. – cumprimentou Kal.

– Bom dia, Kal.

– Dormiu bem, querido? – perguntou Amanda.

– É. – disse Kal não querendo contar seus sonhos a ninguém.

– Kal, gostaria de falar com você. Se possível.

– Claro. – disse, esperando exatamente por isso.

O professor agradeceu a Amanda pela xícara de café e levantou-se, abriu a porta da frente e saiu acompanhado de Kal. Os dois saíram da varanda e deram a volta na casa até chegarem próximo às margens do lago, que parecia mais quieto naquela manhã do que estivera na noite anterior. Cacius contemplou o horizonte a frente por instantes sem parecer ter vontade de falar qualquer coisa, mas algo parecia obrigá-lo a fazer aquilo.

– Quero lhe contar algo muito importante agora, Kal Foster.